

LENORE DE EDGAR ALLAN POE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DO IMAGINÁRIO

CASSIUS ANDRE PRIETTO SOUZA¹;
LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – cassius_andre@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O estudo é um recorte da tese de doutoramento, intitulada **Criadores e Criaturas: uma narrativa gráfica do monstruoso desvelada pelo imaginário**, desenvolvida na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, no Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Esta proposta de tese está integrada ao grupo de estudos e pesquisas sobre o Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). Este texto apresenta uma parte da metodologia de análise, a qual busca analisar três obras literárias. São elas: *Lenore* (Edgar Allan Poe, 1842), *O Corvo* (Edgar Allan Poe, 1845) e *Frankenstein* (Mary Shelley, 1818), tendo como problema e objetivo de pesquisa **investigar as criaturas nas obras de Edgar Allan Poe (1809-1849) e Mary Shelley (1797-1851), revelando as ressonâncias e projeções que se estabelecem entre esses criadores e suas personagens**.

A tese é elaborada como uma jornada rumo ao universo do monstruoso, em formato de narrativa gráfica, ou seja, um tipo de escrita que explora imagens e textos como uma unidade integradora, para ampliar os sentidos e abrir espaços para uma investigação à luz da teoria do imaginário. Em especial, a referência de Gilbert Durand (1993, 2012), com conceitos, tais como: signo, símbolo, imaginação simbólica e função fantástica. Para o autor o signo é um sinal que remete ao objeto para torná-lo presente; o símbolo pertence a categoria do signo, porém seu significado não é de todo apreensível; a imaginação simbólica apresenta uma imagem que vai além do objeto sensível, transcende o representável e a função fantástica corresponde a capacidade criadora do ser. Esses conceitos teóricos-metodológicos são aliados à aventura da tese, a fim de permitir ao pesquisador, o uso de interpretações simbólicas que vão além do objeto sensível. Também, propõe metáforas, no sentido de buscar aproximações ou “chaves” que ajudem a decifrar o enigma da pesquisa e encontrar os valores do objeto. Como nos ensina Gaston Bachelard (2013, p. 52) “veremos que é através das metáforas, da imaginação, que a realidade assume seus valores”. Para o evento, apresento o texto do poema *Lenore*¹, para análise, com o intuito de decifrar a pergunta de pesquisa: **De que modo o criador de criaturas está presente nas narrativas das criaturas?**

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi estruturada segundo as etapas da Jornada do herói de Joseph Campbell (2007), o recurso transforma o pesquisador no protagonista da jornada, é aquele que aceita o chamado à aventura, nessa concepção as passagens foram reformuladas como etapas da investigação. A aventura se inicia

¹ Para vê-lo na íntegra, acesse o site: <http://violetainexistente.blogspot.com/2012/01/lenore.html>.

revelando memórias de infância, cuja biografia impulsiona a escolha do tema, tendo em vista o fascínio pelos monstros problematizado desde a graduação, perpassando o mestrado e agora, no doutorado. Segundo a estrutura da Jornada do herói (op.cit) a análise que ora apresento corresponde a entrada para dentro do ventre do monstro. Momento em que o pesquisador recebe as ferramentas que o auxiliarão a responder à pergunta da pesquisa.

No exercício para definir o modelo de análise utilizamos os conceitos de forma articulada para alcançar o âmago do criador/criatura. Assim, optamos por um modelo sucinto, que aciona o próprio poema em si, buscando as representações e as imagens que o poeta cria para expressar sentimentos e emoções.

O poema conta uma história estruturada em versos, que por sua vez estão organizados em várias estrofes e, há ainda, versos destacados, que não mudam o foco temático, ao contrário reforçam a continuidade. O poeta é quem narra a história a partir de si mesmo, é também o artífice que utiliza com precisão os recursos poéticos, através do ritmo e das rimas constrói uma atmosfera que leva a uma comoção. O poema explora a sonoridade da palavra e a capacidade de evocar imagens e sensações. A metodologia de análise do poema compreendeu um roteiro de ações, que se ligam umas nas outras, segundo uma sequência que impõe movimentos de ir e vir para encontrar sentidos, simbologias, identificar a estrutura, organização, o uso dos recursos poéticos e a aplicação dos conceitos teóricos-metodológicos.

As etapas abrangem leitura, apontamentos e interpretações:

- 1- Realizar uma primeira leitura para se conectar com o poema;
- 2- Rerler para buscar um sentido mais direto, que história o poema conta, assim como estudar o contexto da obra e do autor;
- 3- Retornar ao poema para encontrar os símbolos, alusões e referências;
- 4- Anotar e buscar os significados para os elementos destacados na etapa anterior;
- 5- Reconhecer o uso dos recursos poéticos;
- 6- Aplicação dos conceitos teóricos-metodológicos selecionados: símbolo, imaginação simbólica e função fantástica;

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse poema a narrativa é apresentada como se o autor Edgar Allan Poe estivesse tendo um diálogo com o leitor, tem um tom confessional e de denúncia. O poema descreve o sofrimento do protagonista pela perda da bela mulher, jovem e doce, porém, altiva. A morte prematura, a solidão de quem se vê abandonado por todas aquelas que mais amou, a dor e a melancolia, o presente marcado pelas perdas passadas, pela impossibilidade de vivenciar o amor em sua plenitude são temas recorrentes, que assombram a literatura de Edgar Allan Poe. Um breve olhar sobre sua biografia (BLOOMFIELD, 2008) já nos faz perceber que mais que um tema, a morte e a solidão se fazem presentes em sua trajetória de vida. Ele foi o menino órfão, que perdeu a mãe adotiva, também perdeu a jovem esposa, enfrentou dificuldades e de fato, foi muito solitário.

A leitura do poema aciona o imaginário do pesquisador. Na análise podemos identificar duas distintas divisões, nas primeiras estrofes emerge a explicação racional para o fato, a morte trágica da amada. Na segunda parte surgem as dúvidas, lamentos e súplicas sobre o desvelo da alma da falecida. O narrador termina o poema exclamando por perdão e misericórdia para que a alma de sua amada encontre um lugar no mundo divino.

O símbolo da morte é uma personagem que se manifesta entre os vários poemas e as histórias de Edgar Allan Poe, aparece como um espectro com presença marcante, concreta ou é apenas mencionada, dependendo do contexto. A morte persiste nas suas histórias como juiz e anjo, constitui um elemento mítico e indecifrável. Na sexta estrofe, no verso “A morte sobe então aos céus junto a um séquito alado” percebemos a aura de mistério e tormento envolvida. O poeta apresenta a morte como o símbolo da perda, do falecimento e do sentimento de dúvida sobre o que tem além da vida. Para o teórico do imaginário um símbolo pode ser “(...) uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério” (DURAND, 1993, p.12). A morte é símbolo da falta de piedade e compaixão, leva a alma da amada apesar das súplicas, representa “(...) o luto, a transformação dos seres e as coisas, a mudança, a fatalidade irreversível” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2019, p. 622).

A Imaginação Simbólica emerge nas passagens do poema, na quarta estrofe, o verso “Foi pecado, agora é tarde! Rezemos em contrição” descreve o arrependimento do protagonista, declarando seu erro com o romance. A palavra “pecado” indica uma compreensão negativa da relação. A biografia de Poe revela inúmeras situações de perda e dor, como o falecimento de sua prima e esposa Virginia Clemm (1822-1847). Ao aproximar a vida do poeta com o poema, identificamos que há um romance entre primos, algo que era inaceitável pela sua família, pela sociedade e cultura da época. Na quinta estrofe “A linda moça inerte, num sepulcro esquecida” é uma declamação que descreve a beleza da amada no momento do enterro, uma lembrança da qual ele nunca pretende esquecer. Destacamos o paradoxo morte/beleza que aciona a imaginação simbólica do poeta, que se repete ao longo dos versos.

A função fantástica contempla a essência da imaginação criadora do poeta, nela podemos alcançar os sentimentos íntimos e profundos, pela função fantástica a dor e o sofrimento se convertem em imaginação, transformando a realidade em um ato de criação. Para Gaston Bachelard (2018) o talento de Edgar Allan Poe se revela na forma como seus contos e poemas expressam o sensível segundo um processo criativo, que ele designou como unidade de *imaginação*, que envolve uma imaginação oculta e dinâmica, articulada em torno da morte, da beleza e da água. Essa água é pesada, tenra e transparente na origem, com o tempo ganha profundidade à medida que lhe recai a sombra de uma árvore. O estudioso destaca que esse é um processo consciente, porém fiel ao sonho, no processo concorrem tanto a luz do sol quanto a escuridão da noite. Assim, tanto a vida como a morte revelam pesos iguais na sua balança “A morte é então uma longa e dolorosa história, e não apenas o drama de uma hora fatal” (BACHELARD, 2018, p.57).

4. CONCLUSÕES

Analizando este poema, percebe-se que o escritor – o criador – estabelece aproximações com os mitos gregos e cristãos. A taça de ouro quebrada é a vida que se esvai, a simbologia remete tanto à taça de Hígia, deusa da saúde quanto ao *Santo Graal*, emblema da espiritualidade. Evoca o rio por onde o barqueiro Caronte conduz as almas ao reino dos mortos e termina por recomendar o anjo ao reino dos céus. O poeta nos leva por passagens que fomentam o imaginário em torno do binômio morte/beleza. A criatura – *Lenore* – reúne atributos como beleza, juventude e altivez que a qualificam como musa. Retomando a pergunta da pesquisa: **De que modo o criador de criaturas está presente nas narrativas das criaturas?** *Lenore* é a amada que a morte levou, personifica todas as

mulheres que o poeta de fato perdeu. Ficção e realidade se alinharam para instaurar a imaginação criadora. A perda que inaugura a tristeza, faz o poeta exaltar o sombrio e o sobrenatural revelando facetas ocultas e conflitos íntimos. Aqui a tragédia pessoal anima a poética, *Lenore* é para Poe, o mesmo que Eurídice é para Orfeu², expressam uma inspiração arrebatadora, possibilitam a existência da própria poesia. No poema a conjugação personagem/ narrador/ autor se constrói de forma amalgamada, sendo difícil distinguir onde termina o criador e começa a criatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

BLOGMFIEL, Shelley Costa. **Livro completo de Edgar Allan Poe**: a vida, a época e a obra de um gênio atormentado. São Paulo: Madras, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHEVALIER Jean, GHEERBRANT Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2019.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arquétipologia geral. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1993.

POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe**: medo clássico. Vol. 2. Tradução Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

_____. **Lenore**. Acessado em 20 set. 2020. Online. Disponível em:
<http://violetainexistente.blogspot.com/2012/01/lenore.html>.

Orfeu e Eurídice. Acessado em 21 set. 2020. Online. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/mitologia-grega/orfeu-e-euridice/>

² Para vê-lo na íntegra, acesse o site: <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/orfeu-e-euridice/>